
TRÂNSITOS CONTINGENTES DE OBEDIÊNCIA E DESVIO NA ORDEM LAICA DAS BEGUINAS EM NA CASA DE JULHO E AGOSTO, DE MARIA GABRIELA LLANSOL

Maria Edinara Leão Moreira¹

RESUMO: Este artigo constitui-se de algumas observações sobre a escritora portuguesa Maria Gabriela Llansol, na narrativa *Na casa de Julho e Agosto*, publicada em 1984. Dessa forma, pretende-se investigar a ordem laica das beguinhas e suas correspondências na ficção llansoliana e na historiografia oficial. Para tanto, será analisada a temática do exílio, das peregrinações e da heresia, movimentos dentro da ordem. Metodologicamente, o estudo constitui-se em análise hermenêutica, com abordagem qualitativa a partir da técnica da revisão bibliográfica. O presente artigo terá como principal embasamento teórico Lieve Troch (2009), em *Mística feminina na Idade Média* e Nachman Falbel (1971), em *As heresias dos séculos XII e XIII*. Algumas conclusões apontam os diferentes quadrantes da ordem leiga das beguinhas, suas situações dentro e fora dos beguinários, o modo de vida firmado no modelo de autogestão financeira, no trabalho e nas simbologias religiosas.

Palavras-chave: Beguinhas; narrativa; História; exílio; heresia.

Abstract: This article consists of some observations about the Portuguese author Maria Gabriela Llansol on narrative *In the House in July and August*, published in 1984. In this way, it is intend to investigate the lay order of the beguines and their matches in llansoliana and in official historiography. For this, will be examined the theme of exile, pilgrimages and heresy, movements within the order. Methodologically, the study is hermeneutical analysis with qualitative approach from the literature review. This article will primarily theoretical basis Lieve Troch (2009), in *Feminine Mystique in the Middle Ages* and Nachman Falbel (1971), in *The heresies of the 12th and 13th centuries*. Some findings point out the different quadrants of the lay order of the beguines, their situations inside and outside of the beguinages, the established way of life in the model financial of self-management, at work and in religious symbolism.

Keywords: Beguines; narrative; history; exile; heresy.

A narrativa llansoliana é instigante por vários motivos, e um deles é o processo ficcional de criar personagens históricos em nossa época, já falecidos, vivos como personagens em seu universo ficcional ou alguns ainda não nascidos no período narrado. Llansol inova a linguagem da ficção portuguesa contemporânea com seu perfil avesso ao modo de narrar dominante no romance e a todas as formas de representação ortodoxa. Em seu texto, percebe-se a experiência da metamorfose, a preferência pelo fragmentário numa estrutura dinâmica de “cenas-fulgor”, impulsionadas por frequentes fulgurações e da vibração do pulsante presente nas coisas vivas. Seu universo prende pelo que diz e pelas inconstâncias de uma linguagem não prescrita, que desinstala o leitor menos avisado. O propósito deste artigo é investigar a ordem laica das beguinhas e suas correspondências na ficção llansoliana e na historiografia oficial, buscando evidências dos movimentos internos da ordem, seu cotidiano, as relações entre as beguinhas e como era estabelecida a ordem na comunidade. Em sua elaboração, utilizou-se como concepção teórica uma pesquisa de cunho analítico-bibliográfico referente às teorias sobre Lieve Troch (2009), em *Mística feminina na Idade Média*. Como base teórica, a revisão bibliográfica fez uso de referências como artigos e livros que foram selecionados, levando-se em consideração a temática em questão. É também objetivo proceder à análise hermenêutica de

¹ Doutorado e Pós-Doutorado em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: edinaraleao1@gmail.com

como é mostrada a ordem laica das beguinhas na narrativa em estudo, através da apreensão comportamental das personagens pertencentes à ordem, de suas características específicas, dos problemas enfrentados, das simbologias religiosas, de traços de cotidianidade, atingindo o clímax na narrativa acerca da violência das perseguições veladas e abertas, em decorrência de rivalidades advindas do papado.

Lançado em 1984, escrito entre 6 de julho de 1977 a 18 de agosto de 1979, o universo ficcional representado pela obra está situado temporalmente no século XVI (1589). O romance *Na casa de julho e agosto* apresenta-se dividido em três partes: 1) Tejo-rio, 2) As nascentes do Tigre e do Eufrates e 3) As damas do amor completo. As vozes narrativas estão em situação *mutatis-mutandis*, sendo a primeira voz narrativa a de Margarida. Ela narra da parte (I) a (XXIX). De (XXX) a (XXXVI), é Eleanora quem assume a voz narrativa. Volta Margarida, no capítulo (XXXVII), quando envia cartas à Eleanora até a última: “Eleanora dissolvente” quando é assassinada por um homem de ordem rival, no capítulo (XL), em que volta a voz de Eleanora até o capítulo (XLIV). O capítulo (XLV) é um diálogo e, sucessivamente, as vozes das narradoras vão se alternando. Houve muitas tentativas de chegar ao final da leitura da narrativa analisando a voz que narra mas, devido às dificuldades que tal propósito implica, é preferível pensar como Andrade (2006, p. 21), em sua tese: “A voz narrativa, embora mutante ao longo do livro, nesse momento parece ser a de uma beguina — Margarida —, que está de passagem por Antuérpia, abrigada na tipografia de Plantin Moretus, com ares medievais de fuga, amor à escrita, e inquisição”.

A primeira das beguinhas, Hadewijch de Antuérpia, é uma mulher muito à frente de sua época. Notável poetisa e mística do século XIII, Hadewijch destacou-se por sua atividade intelectual, contudo, era uma beguina viajante, peregrinava pelos vários beguinários. Devido ao cultivo primoroso da linguagem, foi das precursoras e notabilizou o uso da língua flamenga, abandonando a tendência vigente na época do uso do latim como língua oficial. Escreveu muitas cartas de amor, poemas e visões, entre eles, o notável “Deus, amor e amante”². A opção pelo vernáculo não é ao acaso, pois socializa sua produção com o povo, entrevia-se com sua gente. A representação de amor por ela entabulada vem a nos dizer de uma espécie de amor que é livre e orgulhoso e que cria autonomia e autoconsciência. Com grande poder inventivo, ela fez a fusão de canções religiosas da época com poesia dos trovadores. Na ficção, a personagem Hadewijch assume a importância que a história lhe concebe:

“Eu julgava que Hadewijch, a luminosa sombra de Ana de Peñalosa, estava longe, noutra Comunidade distante, ou tinha desaparecido. Mas hoje, quando reunia os primeiros seres (os papéis e as imagens desta narrativa), e os teres (Luís, os pensamentos em vós) que devemos levar, bateram à porta, e Hadewijch entrou com um cesto no braço, e a cabeça coberta por um capuz feito de uma lã já vista num vestido de Ana de Peñalosa.

Era, sem dúvida, o eu rosto, o seu corpo, a mesma maneira de andar e de estar de pé

Mas tendo percorrido caminho” (Llansol, 1984, p. 120)³.

De acordo com a historiadora TROCH (2009)

“Ela se vê como uma noiva e amante de Deus, e descreve uma relação muito pessoal de amor com Deus que a leva a uma situação de liberdade e autoestima. Ela discute seus textos com 'amigas' que estavam em sua volta e que ela visitava em suas viagens. Suas viagens foram, provavelmente, de uma beguinaria à outra. Ela escreveu no flamengo antigo, mas é claro a partir de seus escritos que ela

² Traduzido por Roque Frangiotti.

³ O espaço demarcado é para situar no livro de referência espaço em branco.

domina o latim e o francês e estava familiarizada com os escritos de muitos eruditos de seu tempo. Ela é uma inspiração importante para Ruysbroeck e Eckhart, dois importantes místicos do sexo masculino. Margarete Porete também escreveu alegorias sobre o amor e a razão. Seus livros foram lidos em muitos lugares. Depois de algum tempo, eles foram proibidos e Margarete Porete terminou na fogueira, sob pressão da Universidade de Paris.”

O perfil profético da beguina Marguerite de Porète (1260-1310) e sua mística renderam-lhe o fim enternecedor. O perigo de sua existência pode ser encontrado na obra que escreveu: “Le miroir des âmes simples et annéanties”⁴, onde deixou o testemunho de seu perfil místico e profético, que lhe custou a condenação prematura à fogueira aos cinquenta anos. Acabou mártir. Restou um exemplar desta obra, que atravessou os séculos e, secretamente guardado e recentemente descoberto (1945), num mosteiro de Monte Cassino. Em 1302, Margarida Porete foi condenada e queimada viva em Paris. Como Joana d’Arc, era suspeita de ter contato direto com Deus sem passar pela mediação do clero. Foi o que sempre tornou místicos suspeitos aos olhos do clero (cf. COMBLIN, p. 128).

Nos primeiros tempos, as beguinas ressoavam para as forças dominantes apenas como uma experiência benéfica e útil, ao alcance de seus olhos inquisitoriais. À medida, porém, que as beguinas vão se consolidando organicamente, trabalhando sua identidade de mulheres livres – em relação ao machismo familiar, ao machismo clerical e ao machismo de outras instâncias oficiais –, passaram a sofrer leituras pejorativas até começarem a ser perseguidas pela instituição eclesiástica, ao ponto de, em 1311, terem sido condenadas como hereges, no Concílio de Viena (1311), culminando nos processos mais aviltantes da condição humana. Na ficção, percebendo o perigo que as cerca “li com a profundidade dos seus olhos que um perigo acerado, mesmo que seja iminente, nos espera” (Llansol, 1984, p. 76), há a tentativa de camuflagem por trabalhos não comprometedores, como se observa em: “Para que seja mais fácil escaparmos às perquirições inquisitoriais, talvez algumas de nós se queiram dedicar a técnicas de artesanato muito simples que exijam conhecimentos pré-alquímicos” (Llansol, 1984, p. 75).

Chama a atenção que as beguinas se organizavam em comunidades religiosas urbanas, porque as comunidades rurais eram alvo de maior preconceito, nas cidades havia mais liberdade no direito de ir e vir. Eram ordens mais abertas, destinadas a mulheres que não queriam ou, muitas vezes, pela imposição de numeráveis regras, inclusive de condição econômica, entrar nos conventos. São elas as personagens ficcionais, objeto de nossa análise: “assim sem companhia se abandonou ao prazer de estar só pensando intensamente nas beguinas perdidas ou achadas por detrás daquelas janelas que davam para os troncos das árvores seculares”. (Llansol, 1984 p. 23). Deste movimento, encontramos ainda resquícios, especialmente na Bélgica, Alemanha, França e Países Baixos. No século XVI, mais e mais restrições foram feitas para as beguinarias em relação à sua atividade econômica e cada vez mais passaram para o controle da igreja. Quando a estupidez medieval atingiu seu apogeu, chegou-se ao cúmulo da morte na fogueira.

Vários motivos contribuíram para lotar os beguinários, e um deles chama especial atenção, talvez o mais significativo deles, pela questão demográfica: a quase ausência de maridos na Idade Média, pelas guerras e cruzadas, gerando, como consequência, a falta de perspectiva para um bom casamento ou segundas núpcias, no caso das viúvas; isso tudo teria levado as mulheres a abraçarem novos

⁴ “O espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do amor”, traduzida por Sílvia Schwart.

movimentos religiosos. Segundo Alain de Libera (apud CALADO, 2012), o Movimento das Beguinhas tinha suas singularidades: 1) não tinha um santo fundador, 2) não buscava autorização da hierarquia eclesiástica, 3) não tinha uma constituição ou regulamento, 4) não fazia votos públicos, “seus votos eram uma declaração de intenção, não um comprometimento irreversível a uma disciplina imposta pela autoridade, e seus membros podiam continuar suas atividades normais no mundo”.

Numa sociedade patriarcal, em que as mulheres procuravam o movimento já por se sentirem sufocadas pela dominação do homem, a entrada no beguinário preconizava, implícita ou explicitamente, um estilo de vida que era o contraponto da referência masculina. Como seu intuito era de libertação, a autonomia de suas partícipes era o expoente maior, dava a nota de todas as outras insujeições, fosse ela de dominação na esfera sócio-política, no terreno das relações de gênero, nas relações de vida religiosa, em relação a um marido, em relação ao patrão, em relação à autoridade oficial, em relação à autoridade eclesiástica, em todas essas esferas, em que reinasse a figura masculina.

Na narrativa ficcional, há poucas representações deste tipo de beguinhas, como “há três beguinhas de estaturas desiguais que constantemente surgem, mulheres desamparadas que ali entraram para desaparecer” (Llansol, 1984, p. 40). Ainda que muitos historiadores sustentem a tese da segunda opção, seja pelos motivos demográficos ou pela falta de acolhida em algumas congregações religiosas, BYNUM (apud SILVA, 2008), assim como BOLTON (1986), contrariam essas representações de mulheres medievais que as colocam como incapazes ou dependentes. Isso porque uma vida religiosa de acordo com a nova espiritualidade de inspiração apostólica, sem clausura e que não excluía a pregação, a oportunidade de participar ativamente da construção de uma nova igreja reformada, era motivo, para este século de poucas luzes, por si só, suficiente para suscitar o interesse genuíno das mulheres.

Nesse tempo, concorriam duas vozes opostas ao se referir às beguinhas, uma delas era detratora de mulheres; a outra, a voz de bispos que as consideravam mulheres de honra e qualificadas. No entanto, é só analisar seus méritos, elas se autogestionavam, eram proprietárias e tinham seus próprios negócios: indústria têxtil, padarias próprias, fábricas e cervejarias. No caso da indústria têxtil, encontramos correspondente em: “a arca descerrada porque Maria recolhe nossas rendas de fio de algodão e de dinheiro” (Llansol, 1984, p. 112). Quanto a estimativas referentes ao número de beguinhas, sabe-se que, por essa região, as comunidades foram espalhando-se, aos milhares, havendo quem estime terem alcançado uma população de 200.000 beguinhas, num universo estimado à época em torno de 20 milhões de habitantes (Cf. COMBLIN, 1998, p. 126).

Em tempos de fartura, esses bens e alimentos foram repetidamente redistribuídos entre os pobres da cidade. Mas, como habitantes do mundo, havia os tempos difíceis e as beguinhas estavam também sujeitas a toda sorte de intempéries e perdas, como esta ocorrida durante uma inundação: “os armários em que guardamos as provisões e habitualmente comemos, uma a uma, tinham-se aberto, e a louça quebrada e vários pães acompanhavam, com estrondo, a corrente da água” (Llansol, 1984, p. 31).

As diversas ordens de beguinhas exerceram suas atividades traduzindo a Bíblia e outros textos religiosos, lecionaram, cuidaram de doentes, venderam os seus talentos, tais como contabilidade, leitura e escrita. “Escrever não escrevo; Margarida escreve” (Llansol, 1984, p. 43), ou em “Tive conhecimento da sua vida e, posteriormente, de seus textos, o que não é o mesmo que da sua vida, como acontece conosco, as beguinhas” (Llansol, 1984I, p. 106). As personagens beguinhas na narrativa *Na casa entre julho e agosto* eram provenientes de diversas famílias, havia também irmãs de diversas idades: “Eleanora está no momento de ser jovem, e de apresentar-se jovem ao mundo, sua cabeleira cortada me faz descer os olhos [...]” (Llansol, 1984, p. 40). Ao grupo concorriam também mulheres solteiras, às vezes muito jovens, que buscavam a vida religiosa mesmo contra a vontade das famílias que dividiam o espaço da casa e cumpriam ofícios múltiplos em benefício do coletivo, como está expresso em:

“Havia suspensa do portão uma grinalda de flores que derramava um perfume igual ao da madressilva nos béguinages _____ que não podia ser religioso canonicamente. Estes seres, sem ser religiosos, possuíam estatutos particulares e levavam uma vida de natureza sagrada. Mulheres jovens como Marta e Maria ali estavam embora não desejassem encontrar nem diretivas espirituais, nem protecção de homem. [...] embora aquelas mulheres não tivessem uma vocação religiosa precisa nem procurassem junto dos clérigos apoio, ou vida retirada que lhes permitiam dar sentido à existência; embora também não houvesse um ideal de pureza, nem de pobreza”. (Llansol, 1984, p. 22)

Havia uma senhora eleita que coordenava a beguinaria por certo tempo e, assim, representava as mulheres no município. Todas elas estão urdidadas por uma Grande Dama, que é Ana de Peñalosa: “Para Ana de Peñalosa, a mocidade passava (dentro de quatro anos, teria cinquenta anos)” (Llansol, 1984, p. 16); “Todas temos um amor comum – a aspiração à chama da vela; todas temos uma diferença comum – a verdadeira diferença; quando suspeitaram quem nós éramos, pouco falámos, embora nossa Grande Dama nos defendesse; não invejo nossa Grande Dama – Ana de Peñalosa –, porque todas somos grandes” (Llansol, 1984, p. 28-9).

Todavia, conforme os tempos passam, vão se cumprindo as sucessões na ordem de lideranças, por exemplo, na tipografia de Plantin-Moretus “O tempo tem passado e já não é Plantin que reina sobre a Casa, mas seu neto Balthazar que nos anunciou que seu lema será uma estrela [...] mantenho-me tão jovem como era e aqui continuam a respeitar minhas capacidades de agir e de pensar como reflexos da beleza” (Llansol, 1984, p. 47), que nos leva à seguinte pergunta: que beleza é essa que resistiu ao tempo de um neto passar ao domínio da Casa, que idade teria, portanto, a “jovem” mulher, pouco mais de trezentos anos? A passagem: “Eu sou a mais velha, a que sucederá à Grande Dama: Margarida” (Llansol, 1984, p. 55) ou esta: “Hadewijch pousou o cesto olhando para mim ____ que suspeitam que virei a aceder ao lugar de Ana de Peñalosa que, por enquanto, está vago. Lugar imenso nestes sítios de obediência revoltada” (Llansol, 1984, p. 120) também atestam a ordem das sucessões, estabelecida da hierarquia na ordem.

O pesquisador Calado⁵ (2012) acentua a força destas mulheres,

“O Movimento das Beguinhas situa-se num período denso de inventividade cultural protagonizada por figuras e organizações femininas. A partir da Bélgica, e estendendo-se por outros países europeus, o Movimento das Beguinhas pontificou durante os últimos séculos da Idade Média, numa Europa marcada pela presença insubmissa e contestatária de mulheres – santas, sábias, guerreiras –, cuja influência se estende para além da Idade Média”.

A beguinha Margarida e Hadewijch estavam às voltas a escrever um livro, a respeito da forma como davam a conhecer seus escritos e sua mística, TROCH (2009) assevera que

As alegorias e a poesia fornecem, ao mesmo tempo, chances para experiências pessoais, bem como para uma multiplicidade de interpretações. Também é, por vezes, um modo de não precisar ser muito cauteloso para falar com clareza a respeito de posições políticas e religiosas. Com efeito, místicas femininas exercitaram de forma muito inteligente um poder dentro dos limites do que era possível para pessoas „de natureza feminina“. Nesse sentido, a mística é muito diversificada e não pode ser captada a partir de dados únicos. Há diferentes ênfases em estratégia e local: as manifestações e organizações

⁵ Doutorado Docente docente-pesquisador na FAFICA, em Caruaru, cujo Doutorado foi em Anthropologie et Sociologie du Politique - Université de Paris VIII (1991).

diferem na Europa meridional e ocidental. A maioria das mulheres construíram círculos em torno delas que, ao longo do tempo, cresceram e deram-lhes acesso a indivíduos poderosos. Isso geralmente ocorreu, ainda que cautelosamente, através de confessores ou a partir do poder de seu mosteiro.

As virtudes vão de notas altas, desde a resignada aceitação do destino em “E eu compreendi que por vontade da nossa Comunidade ali viera, não somente para ajudar hortelãos, mas aprender as coisas necessárias à realidade do meu destino” (Llansol, 1984, p. 45). Também aqui se pode observar que há uma ordem e um regramento dos destinos nas incumbências dadas a cada beguina, somente as mais preparadas são enviadas para as missões mais importantes: “– Estou ao serviço da Grande Dama no lugar do meu destino; não para ser escrava mas para ser um elo” (Llansol, 1984, p. 48-9)

Mas que prova pode ser maior de aceitação do destino que a resignação diante da perda da própria vida? Sentindo-se perseguida, em quatro dias, tempo insuficiente para arquitetar e traçar uma mudança de rota, recebe a inusitada visita:

“o mesmo homem veio ver-me com a intenção de matar-me; mal se sentou, quando o convidei, na minha frente, compreendi que estava preparada para o receber; e virando-lhe as costas fui até a janela e debrucei-me para o jardim de Plantin-Moretus, que repousava num grande brilho, e onde as flores, com a videira, mudam de estado” (Llansol, 1984, p. 52)

Virando de costas para o homem, recebe a morte, não sem antes estar preparada para tal, na serenidade de quem recebe e compreende a hora, e que não há como fugir. Então, vale a percepção de que tudo está em seu lugar, no jardim, mas as flores *mudam de estado*. A vida passa do estado de matéria para voltar ao estado de energia.

A parte da humanidade e dos defeitos que afloram no cumprimento do ofício também aparecia, como é o caso da cólera, da irritação diante de extenuante labor e da inveja: “E vimos reflectido um rosto sofrendo com cólera [...] Se viramos, com falso pudor, as cabeças para o jardim, foi para conseguir voltar à realidade da casa que limpámos durante dias e dias por entre murmurações, suspiros e concentrados momentos de silêncio; estávamos tão cansadas que o pensamento parecia depender de nossos olhos e de nossas mínimas impressões; eu falava com Eleanora que me invejava continuamente com sagacidade” (Llansol, 1984, p. 32). Aqui o defeito do roubo: “Voltei-me a cabeça e verifiquei que ela me fazia sinais, desejando-me, não uma boa noite, mas que eu roubasse o que me tinha pedido” (Llansol, 1984, p. 35) e logo ali os dos insultos: “depois, uma torrente de insultos deve sair-lhe da boca” (Llansol, 1984, p. 36).

E os delitos cometidos também dão conta de sua humanidade, como em: “Depusera-o debaixo da minha capa, no parapeito da janela, como uma surpresa num lugar, e um acontecimento cheio de precauções” (Llansol, 1984, p. 37) e em “Remendo os lençóis pensando no fogo, e a mulher de Alisubbo, de nome Alice” (Llansol, 1984, p. 43-4), através do qual percebemos que se trata de uma traição, uma vez que Alisubbo tem esposa. “quebrando a regra do permitido e do não permitido, mordo teu artelho, fora da Comunidade” (Llansol, 1984, p. 50)

A questão das diferenças entre elas e defeitos fica muito evidente em várias passagens: “Uma interrupção tão súbita provocou-nos um profundo descontentamento” (Llansol, 1984, p. 38), muitas vezes, sentimentos controversos sucedem-se, até pela perda dos animais de estimação da casa, como os gatos, pela ação de uma e de outra, a cólera por um ato em desacordo. As formas de convivências estavam trancadas nos afazeres e resultados, de modo que havia uma quase incomunicabilidade, como se pode ver na seguinte passagem: “Eleanora, na viagem para Antuérpia, me disse que era cátara e que tinha grande dificuldade em falar comigo por falta de meios de expressão” (Llansol, 1984, p. 32). Também se verifica na passagem: “a velha beguina vem falar comigo, oferecer-me salsa e rosas que sobreviveram à catástrofe; falamos e falamos e ela diz que, para que nos conhecêssemos um pouco mais, foi preciso que o muro se abatesse” (Llansol, 1984, p. 33). As situações contrastantes, a luta

interna se faz notar também na passagem: “encolerizada com seu destino e forças benignas e contrárias” (Llansol, 1984, p. 36).

Muito além da nobreza natural dos espíritos das beguinhas, sua conformação religiosa não canônica era algo que admoestava tanto religiosos quanto não religiosos. As beguinhas não representavam uma forma planejada de vida religiosa, por isso, apontam, algumas vezes, como a alternativa para mulheres que não encontravam acolhida em outras ordens. Iguais somente na profissão da fé religiosa, o interessante e que salta aos olhos nesta comparação é a questão do protagonismo da ordem laica das beguinhas em relação a ordens de freiras, em que cada qual desaparece no apagamento das funções repetitivas, enquanto que as beguinhas realizam trabalhos edificantes, não só para a ordem, mas que mostram atuação no conjunto da sociedade. Podemos também comparar com outras ordens, formatadamente religiosas: “Esta comunidade de Lisboa é de verdadeiras freiras, mas não da nossa verdade, além do canto, e das vozes em prece, nada houve. Completamente perdido o rasto destas mulheres que vejo afastar-se nos corredores [...] esta cerca, esta casa, estas irmãs dobradas umas sobre as outras, esta escrita, este Natal” (Llansol, 1984, p. 61)

A preocupação com a temática do trânsito em *Na casa de julho e agosto* tomam já o contorno de uma ética llansoliana. As beguinhas não viviam em mosteiros, mas individualmente viajavam por diversos países, ou viveram em comunidades e beguinárias:

“Eu parto precisamente em peregrinação para Lisboa, o que, pela primeira vez me sucede porque, para além do meu grande desejo de ver Tejo-rio, falando dos teus votos de solidão pelo Natal a Alisubbo, ele disse-me que uma peregrinação. ou uma viagem, pode ser mais do que uma prece. Pois, para que possas obter ficar só, parto com Alisubbo para Lisboa” (Llansol, 1984, p. 57).

A reiteração da temática da travessia, às vezes cumprindo missões necessárias por não-lugares, sugere a possibilidade deste outro mundo, como em “não me deixarei guiar senão pela minha viagem”, entretanto, não era sua vontade partir: “Tenho de partir e não é fácil, como eu amo esta multidão ordenada de casas, e a presença discreta das beguinhas” (Llansol, 1984, p. 24); “não somos sedentárias nem caminhantes, mas eu aspiro a atravessar as trevas” (Llansol, 1984, p. 25), “ousou sair da alta casa murada” (Llansol, 1984, p. 27), em “Devo pernoitar na casa de Plantin, o tipógrafo” (Llansol, 1984, p. 28), também em “Perdi a carta em que me sugerias que eu, mais tarde, assistisse à Comunidade” (Llansol, 1984, p. 34), ou em “quando estivéssemos todas despidas, sem nenhum olhar equívoco ou tremor, seria evidente que a próxima viagem era possível” (Llansol, 1984, p. 116) em: “Não admira que partíssemos quase deslumbradas e sem terror [...] Talvez ainda falte muito tempo para partirmos. Talvez pouco” (Llansol, 1984, p. 118); e em “no país mais ao sul onde vamos, a neve deixará de ser vista” (Llansol, 1984, p. 123); “Aproxima-se a partida; tomamos lugar em duas carruagens” (Llansol, 1984, p. 125).

O trânsito das beguinhas é constante, e as ordens são passadas geralmente através de uma carta, que quem recebe precisa decodificar:

“[a carta] Era uma ordem ou sugestão de partida como se eu já há muito estivesse a esfregar o chão daquela parte do mundo, e pus-me a tentar decifrar para onde deveria ir: sentia sempre algumas ruas simétricas de futura estrutura pombalina e compreendi que era para Lisboa que eu devia trocar Antuérpia” (Llansol, 1984, p. 41).

Todos são movimentos em que somente o devir é garantia de uma não-subserviência. Então, Llansol cria este outro mundo, que permite a vazão das “passagens íntimas”, aqui não no sentido restrito de

intimidade, mas em oposição ao externo. A nota do exílio adquire o tom mais alto na escala quando esta peregrinação se dá não apenas para atender um desígnio da ordem, mas quando o ue está a prêmio é a própria continuidade da vida, como na passagem que se dá após o reconhecimento do líder da campanha contra os alquimistas: “Foi por este motivo, e a conselho de Plantin, que procurei abandonar aquela casa, e sítios; mas faltavam-me referências e amigos noutra lugar, excluída a possibilidade de voltar a integrar nossa Comunidade sedentária de beguinas, ou de ir ter contigo” (Llansol, 1984, p. 51) E, se existem tempos de extensas peregrinações para adquirir a experiências e tomar notas de escrita para o livro que se está a escrever, tão importante é também o silêncio das beguinas. Tal necessidade de isolamento se observa em: “Se Plantin e sua família não partirem, se não puder fechar-me dez dias em casa, terei pena e uma espécie de saudade. Os visitantes ficarão à porta, não ousarão entrar na iluminação ocupada da Casa. Eles, ou eu, ficaremos sós” (Llansol, 1984, p. 56)

As beguinas sabiam da inflexibilidade das regras dos mosteiros, talvez por isso desenvolviam uma forma de vida muito diferente destes, em que eram comuns as relações de amizade, muito diferentes do distanciamento herético dos mosteiros, como se pode observar na simples preocupação benfazeja com a irmã, que se prepara para deixar o local: “Mas preocupou-se com a minha saúde, que não apanhasse frio ao sair de casa e atravessar a Praça” (Llansol, 1984, p. 35), que denota o quanto se importa com o bem-estar da outra beguina.

Considerando a questão da condição feminina dessas mulheres, elas possuíam uma liberdade muito diversa das outras, como se pode observar em: “em nenhuma outra associação deixariam uma mulher sair, mas ninguém me incomoda e começo a crer que a minha presença, desde o vestido aos dedos, se tornou invisível” (Llansol, 1984, p. 27). Algo mais da forma de viver adotada pelas beguinas pode-se perceber no trecho:

“ela própria, Margarida, se entregara à liberdade de abandonar por meses o eremitério, embora se cresse que fora obrigada a partir; mas ao estar com Luís M. no recinto ajardinado a olhar o formigueiro que atravessava a terra, e não podendo imobilizar e tornar inocente seu instinto de gata, ele, com suas mãos traçadas no ar lhe disse que havia muitos conflitos afectivos entre as beguinas e que no círculo da companhia abrangia o afastamento e a viagem; sem mistério, Margarida desocupou o espaço no seu quarto, abriu o armário e desfez a cama, dobrou os lençóis. Uma plácida humidade lhe tomava os pés e os olhos cobiçados por sua extrema vista _____ ou repelente beleza feminina” (Llansol, 1984, p. 23)

Através da personagem, vamos entrevendo diversas características da ordem e de Margarida em particular. Sobre a ordem, não havia limitadores de quem poderia ser parte ou não, e havia tempos de afastamento para viagem. Da personagem, ela não abandona sua condição de sexo feminino, o instinto, a beleza de seus traços parecia ser-lhe problemática, por ter os pés e olhos cobiçados e “repelente beleza” havia na pressuposta clausura, o direito de ir e vir, ela abandonava-se ao próprio destino, percebendo o que dela se esperava, desocupou o quarto para deixar o espaço que ocupava.

Sobre a questão da natureza do sexo feminino, encontra-se esta passagem: “Plantin me disse que, embora eu fosse mulher, podia escrever numa sala próxima das oficinas, pois para ele, mais vale o livro que o sexo, e que o livro torna o sexo invisível” (Llansol, 1984, p. 29). Aqui o peso da conjunção “embora” denota o título de exceção de que uma mulher pudesse estar trabalhando no livro da ordem, e, juntamente com as passagens “mais vale o livro que o sexo” e a de que “o livro torna o sexo invisível”, marcam o imperativo do masculino nestas searas, a percepção da estranheza de como é que no século XVI existiram mulheres dadas à escrita, que foram apagadas pela cortina da invisibilidade. As beguinas trabalhavam em atividades diversas, algumas ditas femininas, tendo suas próprias oficinas de tecelagem; cerâmica, e também como copistas no tempo em que não havia imprensa, tinha-se que copiar os livros e depois nas tipografias, responsáveis pelas ousadas atividades de produção e

disseminação do conhecimento. A atividade intelectual de algumas beguinhas não bem compreendida nem entre as outras beguinhas: “De minha luz, nessa noite, nada ficara escrito, ela recusava-se a ouvir-me, e balouçava seu corpo com ironia repetindo o saber o saber o saber; disse-lhe que raras mulheres, de nosso ano, e século, e milênio, tinham acesso à ciência, e muito menos a qualquer poder, e ela respondeu-me que ainda bem que o vento percorria a treva” (Llansol, 1984, p. 35). A incompreensão da utilidade faz com quem tudo seja colocado no plano da inutilidade pragmática, posto que impalpável, cujos frutos nunca estão maduros.

Para além do que aparece, existe o plano da sexualidade das beguinhas, vivificada no plano do sensual, que transparece sutilmente em passagens como: “Plantin está comovido por eu tanto me dar a conhecer; mas sua discrição principia a noite no segredo” (Llansol, 1984, p. 30) e “talvez seja possível nunca chegar a procriar como Alisubbo por detrás do tapume” (Llansol, 1984, p. 43) “No meu leito acumulei vários sacos de palha, e ele elevou-se distanciando-me de Alisubbo. [...] Alisubbo chama-me, e fica sem resposta” (Llansol, 1984, p. 43). A passagem seguinte denota o afastamento do desejo sexual voluntariamente, como quem abre mão de sua condição, como nesta passagem de Margarida: “Luís, estou desinteressada da minha natureza, saio sozinha sem ser por fadiga de companhia, mas porque o desejo cru de aproximar-me da casa de Plantin me invade nas horas da dura obediência” (Llansol, 1984, p. 37); “Olhei à minha volta para escolher o motivo com que fazer amor” (Llansol, 1984, p. 54); “Estas linhas escritas por várias mulheres minhas, de que eu sou as unhas e a cabeça, reúnem-se à volta de João, _____ que é o homem nu, _____ para o despir de novo” (Llansol, 1984, p. 122).

Segundo a psicanalista e escritora BRANDÃO (2012, p. 122).

“Tal suposição encontra sustentação na posição discursiva a partir da qual as duas escritoras mencionadas enunciavam, pois o gozo místico pode ser pensado como um tipo de gozo que se realiza no furo provocado pelo recalque originário, em decorrência do confronto com a mulher, que não existe. Esse gozo é experimentado por ocasião desse acontecimento particular, em que o Outro é barrado. Enquanto posição discursiva, a posição feminina é aquela que suporta tal enunciação, pois, ao estar posicionado do lado mulher, o falante que daí enuncia é capaz de entrar em contato com uma parte que, embora lhe seja constitutiva, não está remetida ao gozo fálico”.

Já a sedução e a ardência do sexo vivenciado também se fazem notar: “vemos então nosso sexo perdido aparecer nas cinzas com a aparência de um carvão aberto que sobreviveu à prova do fogo; Eleanora avança até o limiar das chamas, e sua sombra despida de vestidos ensina Luís M. a profunda viagem que ele desconhece” (Llansol, 1984, p. 41). Outra nota do desejo unifica-se quando identificaram quem era a sombra que se projetava no quarto, que Eleanora atribuiu a Alisubbo, acrescentando: “– Era Alisubbo, com quem eu vivo em Lisboa, e que te queria mostrar seu corpo” (Llansol, 1984, p. 53), “Coabita com o quarto a luz da lamparina” (Llansol, 1984, p. 138), ou o estranho instrumento do desejo:

“Desejo fazer amor com um pássaro azul que com a altura de um ser humano, e de asas abertas, anda firmemente ao meu lado [...] Meu desejo me prende, e fico para trás, a ver se o pássaro azul também fica comigo. Pára, olha-me com sua cor azul e suas penas, e seu bico. De olharmos tão intensamente, voamos sobre uma pedra com que levanto o peso do tempo” (Llansol, 1984, p. 57).

Ou a passagem homoafetiva, cuja nota está expressa em

“nesse dia, à noite, eu devia ir à casa de Eleanora, e dar-lhe parte do meu sentimento profundo; não poderia, talvez, acordar de tal sono em que eu julgava arrastar-me pesadamente atrás de uma estrela que descia no meu corpo [...] finalmente brilha sobre seus olhos belos, e mal conhecidos: que ao céu, com a terra, seja poupado semelhante encontro devastador” (Llansol, 1984, p. 36).

Este aspecto pontuado em personagens femininas medievais é ousado, e é marcada pela raridade de abordagens históricas, no entanto, é perfeitamente cabível que, num lugar onde vivem inúmeras mulheres *avant-garden*, o fato também seja recorrente na História, conforme sugere BRANDÃO (2012)

Ponto de puro rastro que, numa anterioridade lógica ao sujeito, nele escreve, inscrevendo-o no campo da linguagem, na ordem do simbólico. Lugar de depósito e inscrição, privilegiado ao traço unário, onde se costura a teia do erotismo. Quando, em face ao gozo, a trama do desejo é fiada pelo amor – sim, porque na hora em que se costura esse primeiro ponto, na tapeçaria em que as tramas do corpo se alinham aos dizeres, o amor é o elo que permite o tear do desejo, no limiar da palavra. (Llansol, 1984, p. 133).

A ficção tem a propriedade de ser poetizada, numa linguagem poderosa e funda, há uma instância da linguagem, que é gozo feminino e o transcende, rodeado pelos limites da linguagem, para nos dizer que esta modalidade textual llansoliana se produz nas bordas do discurso, conquanto ainda modalidade discursiva, instância do gozo: “Nosso erotismo e de nossas irmãs torna-se agudo, quanto mais misteriosos e mudos, mais desejamos estes pobres; sua tez crepuscular não tem limites” (Llansol, 1984, p. 138). Motivo pelo qual é possível situar esta escrita como literatura de borda ou texto limite, escritos que tangenciam as margens estéticas do gozo sexual posto em linguagem.

Na casa de julho e agosto afigura-se como narrativa singular. Nela, é perceptível a textualização deste quadrante, num embate de forma e conteúdo, as personagens tomam a forma das beguinhas, assim como as paisagens e as incursões no tempo. O aparato de linguagem levantado situa-nos nos vãos da escrita, nos quais assistimos quadrantes em movimento da ordem leiga das beguinhas, suas situações dentro e fora dos beguinários, o modo de vida simples, mas ousado, firmado no modelo de autogestão financeira, de trabalho, a mística circunscrita para além da arraigada religiosidade medieval, firmada em outros conceitos, que enfrentaram toda espécie de perseguição, eclodindo com a morte na fogueira das principais expoentes. Paralelo a isso, foram traçados breves contornos, pois que esta abordagem sugere trabalho específico, pelo quanto de elementos suscita, que é a vida mundana, no sentido de cotidiana das beguinhas, suas querelas internas, a erotização de suas relações com o próprio sexo e sexo oposto, suas diferenças nos modos de ser e pensar, pois que eram livres e não padronizadas como os conventos, existiam regras para uma vivência possível com um mínimo de entendimentos para habitações coletivas, mas o princípio reinante era o da autonomia, no qual fica tácita a liberdade reinante.

Por fim, pode-se considerar que o modo de narrar llansoliano, inscrito na contemporaneidade, assinala a temporalidade na Idade Média. Este artigo problematizou as representações ficcionais das beguinhas na narrativa *Na casa de julho e agosto*, e seus correspondentes na historiografia oficial, utilizando-se de pesquisas, embora o material ainda seja pequeno, considerando o fato recente que é o interesse sobre o tema das beguinhas. Registre-se que Maria Gabriela Llansol tinha profundo conhecimento histórico e que o mesmo verteu para uma ficcionalização séria do mundo representado, num árduo e profundo trabalho de linguagem que atesta a poeticidade e de modo peculiar de narrar, expoentes consideráveis na narrativa da autora.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Vania M.B. **Luz preferida: a pulsão da escrita** em Maria Gabriela Llansol e Thérèse de Lisieux. UFMG, 2006 (Tese).
- BOLTON, Brenda. **A Reforma na Idade Média Século XI**. Lisboa: Edições 70, 1986.
- BRANDÃO, Luciana. A escrita atapetada da voz: tempo e espaço na experiência do despertar. Rev. Assoc. Psicanal. Porto Alegre, n. 43-44, p. 115-138, jul. 2012/jun. 2013.
- CALADO, Alder Júlio Ferreira. **O movimento das beguinhas**: interfaces e ressonâncias em experiências sócio-religiosas femininas do presente. In: DEPLAGNE, Luciana Eleonora de F. Calado; POSSEBON, Fabrício (Org.). ANAIS / II Seminário de Estudos Medievais da Paraíba - Sábias, Guerreiras e místicas: Homenagem aos 600 anos de Joana D'arc. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2012. p. 47-58.
- COMBLIN, José. **Vocação para a liberdade**. São Paulo: Paulus, 1998.
- FALBEL, Nachman (1971). **As heresias dos séculos XII e XIII (III)**. Revista de História USP, v. 42, n. 86.
- KLAPISCH-ZUBER, Christiane. **Histórias das mulheres no ocidente**: a Idade Média. Porto: Afrontamento, 1993, 2v.
- LLANSOL, M.G. **Na casa de Julho e Agosto**. Porto: Afrontamento, 1984.
- LLANSOL, M.G. **Um falcão no punho, diário I**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- OPTIZ, Claudia. **O cotidiano da mulher no final da Idade Média (1225-1500)**. In: PERNOUD, Regine. **Idade Média** - o que não nos ensinaram. 2ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1994.
- SILVA, Valéria F. 2008. **A construção da verdadeira religiosa do século XIII**: o caso de Clara de Assis. (Tese)
- SIMONS, Walter. **Cities of Ladies**. Beguine Communities in the Medieval Low Countries, 1200-1565. Filadélfia: University of Pennsylvania.
- TROCH, Lieve (2013). **Mística feminina na idade média** Historiografia feminista e descolonização das paisagens medievais. Revista Graphos, UFPB, v. 15, n. 1.

Recebido em 31/03/2018

Aceito em 16/01/2019